



JUNHO 2009

Informações sobre a força de trabalho em saúde no Estado

Este estudo se propõe a comparar as diferentes bases de dados oficiais que possuem informações referentes à força de trabalho em saúde no âmbito do Estado de São Paulo, no dimensionamento deste conjunto de trabalhadores. Pretende-se, também, lançar algumas considerações sobre o uso do **Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde** como fonte de dados.

AS BASES DE DADOS CONSIDERADAS

Três grandes bases de dados são consideradas: a da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), sob responsabilidade do Ministério do Trabalho e Emprego, a do Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), sob responsabilidade do Ministério da Saúde e a base de dados da Pesquisa de Assistência Médico-Sanitária (AMS), organizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Destas três bases de dados, apenas a da RAIS possui como seu foco nuclear a força de trabalho. A abrangência da RAIS é de todos os trabalhadores dos diferentes ramos de atividade existentes, que apresentam vínculos formais.

As duas outras bases, ao contrário, buscam informações acerca dos estabelecimentos de saúde em termos de suas características institucionais e de estrutura de oferta de serviços, sendo as informações referentes à força de trabalho um dos elementos desta estrutura de oferta.

Em comum, estas três bases de dados fornecem informações sobre os **postos de trabalho ativos**, ou seja, fornecem informações acerca dos trabalhadores efetivamente atuando nos diferentes estabelecimentos. Deve-se ter em mente que um mesmo trabalhador pode possuir mais de um emprego, ocupando, assim, dois ou mais postos de trabalho.

Apenas a base de dados do CNES fornece, complementarmente, a relação nominal dos profissionais, em que é possível determinar quantos

postos de trabalho (vínculos com o estabelecimento de saúde) cada um possui.

O gráfico abaixo apresenta as quantidades de postos de trabalho informados pelas bases de dados da RAIS, CNES e AMS, para técnicos e auxiliares de enfermagem, enfermeiros e médicos.

Como pode ser observado, nos dois primeiros grupos (técnicos e auxiliares de enfermagem) os números são razoavelmente coincidentes, com os menores números informados pela pesquisa da AMS.

No entanto, entre os médicos ocorrem diferenças importantes: o CNES apresenta os maiores números de postos de trabalho de médicos, enquanto que na RAIS este número chega a ser inferior ao número de profissionais atuantes no Estado de São Paulo.

Algumas conclusões podem ser extraídas a partir da análise destes dados.

Primeiramente, a comparação entre as três bases de dados sugere que a base da RAIS não seja adequada para dimensionar a força de trabalho de médicos, uma vez que ocorre uma proporção consideravelmente alta de vínculos de trabalho não formalizados entre estes profissionais e os estabelecimentos de saúde onde atuam. No entanto, a RAIS pode ser utilizada para dimensionar a força de trabalho dos demais profissionais, pois seus vínculos são predominantemente formalizados.

A análise do número de postos de trabalho informados pelas bases de dados no Estado de São Paulo sugere que o CNES possa estar superestimando o número de médicos. É possível pensar que vários estabelecimentos de saúde não excluam do CNES os profissionais já desligados do serviço. No entanto, a própria sistemática estabelecida para a remuneração de estabelecimentos e profissionais que prestam serviços para o SUS pode explicar um número aparentemente superestimado de vínculos entre médicos e serviços de saúde. Sendo o CNES um sistema focado sobretudo na avaliação e controle dos estabelecimentos que prestam serviços ao SUS, os médicos que possuem contatos pontuais com



Boletim do Observatório de Recursos Humanos em Saúde

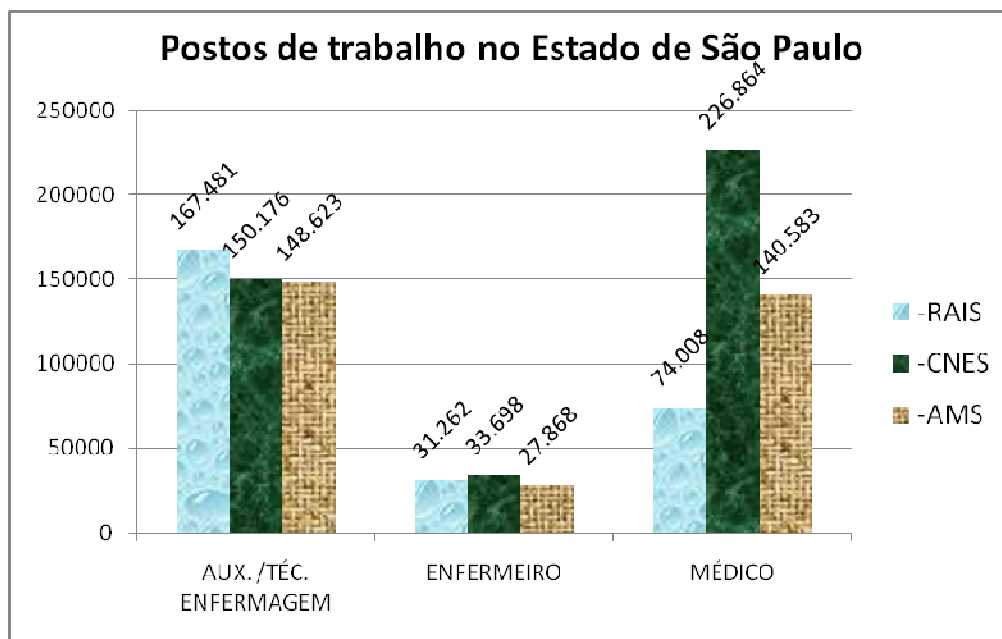
estabelecimentos de saúde para realização de procedimentos, sem jornada de trabalho regular, são também cadastrados do mesmo modo que os demais. Ou seja, de fato existe um conjunto de profissionais médicos que presta serviços em um número alto de estabelecimentos, mas com uma jornada de trabalho muito pequena em cada um dos vínculos.

De qualquer modo, como a média de postos de trabalho por profissional é próxima e ligeiramente inferior a média de 3 empregos por profissional, conforme apontado em pesquisa realizada pelo CREMESP em 2007, esta superestimação e multiplicidade de vínculos com contatos mais pontuais não deve ser muito intensa.

As três bases de dados analisadas apresentaram número de postos de trabalho de enfermeiros e auxiliares e técnicos de enfermagem

com a mesma magnitude. Ou seja, a base de dados do CNES é adequada para dimensionar a força de trabalho destas categorias profissionais, com a vantagem de permitir desagregação segundo as diferentes características dos estabelecimentos em que são contratados.

Como conclusão mais sintética desta comparação entre as três bases de dados, o CNES parece ser fonte de informações confiável para o estudo da força de trabalho em saúde, com a evidente vantagem da localização nos diferentes tipos de estabelecimentos de saúde. O progressivo esforço de atualização correta do CNES no que se refere à força de trabalho vinculada aos estabelecimentos de saúde pode ser ferramenta poderosa para a análise das tendências de sua expansão, se forem consideradas as posições (competências) a partir de 2008.



*Fontes: RAIS: posição em 31 de dezembro de 2005 - CNAE de saúde e de administração pública
CNES: posição em janeiro de 2009
AMS: posição em 2005

Equipe técnica:

Arnaldo Sala (*Diretor do Grupo de Apoio ao Desenvolvimento Institucional*)
Adriana Rosa Linhares Carro (*Diretora do Observatório de Recursos Humanos em Saúde para o SUS-SP*)
Paulo Henrique D'Ángelo Seixas (*Coordenador da CRH*)